

DEBOCHE, DESVIO E DESVARIO: LUTHER BLISSETT E A LITERATURA DA GUERRILHA PSÍQUICA

José Juvino da Silva Júnior (UFPE)

jose.juva@hotmail.com

1. Abre-caminho: aproximações da máscara do mito

“Qualquer um pode ser Luther Blissett, basta adotar o nome Luther Blissett. Seja você também Luther Blissett!”. Este convite delirante, emergente na década de noventa do século passado, a partir da Itália, tornou-se uma das ideias mais corrosivas e provocadoras da contemporaneidade – procuraremos demonstrar ao longo deste ensaio em que medida consideramos as práticas e ideias de Blissett corrosivas e provocadoras. Nosso intento com este ensaio não é exatamente deslindar todos os meandros obscuros, todas as idas e vindas, aparições e desaparecimentos do neomítico herói do povo Luther Blissett no seio das comunidades libertárias e das práticas contestatórias do regime capitalista e suas vigas de sustentação.

Sabemos de antemão que se nos movermos com a expectativa de capturar, abarcar num conceito apaziguador a figura irônica de Luther Blissett, estaremos nos lançando num poço sem fundo, atraindo toda sorte de prestidigitador para nos desorientar no percurso de aproximação da trajetória caótica e perturbadora do nome múltiplo Luther Blissett. Nossa motivação é mais modesta: realizaremos uma interpretação das ações e da literatura “cavalo de Tróia” de Blissett, tomando por objeto de leitura uma das dezenas de materializações de Luther Blissett no mundo, o livro *Guerrilha Psíquica* (que reúne material do *Luther Blissett Project*, grupo mais organizado no seio da comunidade aberta que adota o pseudônimo), editado no Brasil pela coleção Baderna, da editora Conrad. *Guerrilha Psíquica* é uma compilação de textos de gêneros variados surgidos em ocasiões diversas: manifestos, panfletos, quadrinhos, entrevistas de rádio, inclusive trechos escolhidos de outros livros, como *Mind Invaders*, por exemplo. Deixaremos de fora de nosso horizonte de preocupações outros escritos, a exemplo de *Q – O caçador de hereges* – um misto de romance histórico e de aventuras com manifesto anarquista e tratado de amor e filosofia.

Para realizar a crítica literária de um dos empreendimentos ensaísticos de Blissett, realizaremos também derivas para longe do texto, trazendo para nossa reflexão a movimentação da figura do autor no que ela carrega de questionamento às noções ocidentais tão arraigadas quanto identidade, individualidade, valor e verdade. E também espalharemos nosso olhar sobre outras obras e autores que consideramos afins às visões que constituem e informam o projeto Luther Blissett. E agora, sem receio de cair em contradição e com alguma liberdade para quase tropeçar na tentação de enquadrar a figura de Luther Blissett num esquema explicativo, passaremos em revista alguns dados fundamentais sobre esta *persona*, para situar o leitor neste emaranhado de linhas de fuga das banalidades cotidianas e possibilitar uma percepção desta filigrana de planos de sabotagem e diversão mítica contra o capitalismo tardio.

Deixemos que Luther Blissett (quaisquer das pessoas que tenha assumido a máscara) fale sobre Luther Blissett:

Luther Blissett é, sim, a experimentação artística, midiática, intelectual, urbanística...em uma palavra, espetacular, que vocês amam citar, mas é também tudo isso que geralmente vocês ocultam. Luther Blissett é uma seita sem líderes nem hierarquias, na qual nenhum membro conhece o outro, na qual tudo pode acontecer, porque ninguém decide no lugar do outro. Cada coágulo temporário de personalidade de Luther Blissett basta a si mesmo, não precisa entrar em contato com nenhum outro...e se isso acontecer, quem realmente entrou em contato? Somente outra pessoa que afirma ser Luther Blissett: isso me torna invencível. Quem sou? Quantos sou? Qual é a minha atividade principal? Isso nem eu sei. No Estado de Emergência, sou a única verdadeira emergência da qual vale a pena se ocupar. Será o pânico, e ninguém jamais poderá confessar nada. (Blissett 2001:259)

Luther Blissett é um nome múltiplo (em termos gerais, uma técnica de comunicação e guerrilha, um nome, uma assinatura partilhada por várias pessoas, para diferentes propósitos e com a potência da confusão: assinatura de um escritor, autor de um terrorismo poético, fonte de imprensa, artista desaparecido, ex-astro do rádio, etc.), um *pop star* aberto, uma máscara, um novo mito de herói popular adotado e compartilhado por centenas de agitadores culturais ao redor do mundo. Luther Blissett é o exército aparente de um só sujeito, é uma turba desperta e pronta para dançar caoticamente que constitui os órgãos, vísceras e espírito de Luther Blissett, e este vai se infiltrando improvisadamente pelas brechas do poder, tanto nos espaços “intelectuais e virtuais” quanto, principalmente, no mundo da vida, no chão do cotidiano.

2. As táticas do trapaceiro: deboche, desvio, desvario

Blissett joga com as possibilidades do desvio, se aventura com as energias do lúdico para ultrapassar os limites impostos (éticos, econômicos, bélicos, etc.) pela ordem social instituída e assim alcançar uma dimensão de agito e frenesi que permitam um novo arranjo das vivências e da vida social. Foi esta dimensão dionisíaca, de uma revolução que sabe dançar, que inspirou e animou uma infinidade desconhecida, rizomática, dispersa de mulheres e homens em rincões distintos do planeta (do Oiapoque ao Mississipi, de Bolonha ao Laos, etc.) a adotarem em suas estratégias e rebeliões da vida cotidiana a assinatura mítica, a vestirem a máscara de trapaceiro contente de Luther Blissett e aumentarem os circuitos e os fluxos de intriga, de festa e sabotagem contra as ações e comunicações físicas e psíquicas da ordem capitalista global. Um trecho recolhido da anarquista de origem russa Emma Goldman talvez nos ajude a traçar uma dimensão histórica neste jogo de sombras do exercício da individualidade:

(...) outro fator que obriga os governos a um conservadorismo cada vez mais reacionário é a desconfiança inerente que eles têm do indivíduo, o temor da individualidade. Nosso sistema político e social não tolera o indivíduo com sua constante necessidade de inovação. É, portanto, em estado de “legítima defesa” que o governo oprime, persegue, pune e às vezes mata o indivíduo, sendo ajudado por todas as instituições cujo objetivo é preservar a ordem existente. Ele recorre a todas as formas de violência e é apoiado pelo sentimento de “indignação moral” da maioria contra o herético, o dissidente social, o rebelde político, maioria essa em quem se inculcou desde séculos o culto do Estado, educada na disciplina, na obediência e na submissão

à autoridade e no respeito a ela, cujo eco se faz ouvir em casa, na escola, na igreja e na imprensa. (Goldman 2007:36)

Escrito na altura dos anos quarenta do século passado, o texto indica os dentes do Estado sobre a carne dos sujeitos. Blissett sabe, com alguma sagacidade, que as corporações multinacionais – que tragam há muito a vitalidade e o poder efetivo dos estados nacionais – encontraram no estímulo das distinções um motor para o consumo (pensemos aqui nos nichos de mercado, nacos específicos de tudo que se possa imaginar). E assim, o que hoje pode aparentar um fomento das diferenças e inovações individuais, dos anseios legítimos de cada um, se torna um mecanismo de previsão, controle e dispositivo de disciplina das multidões solitárias: um chicote, um cabresto contra as pessoas. É assim que a figura de Luther Blissett mostra o entendimento da necessidade de acolher, numa uniformização esquizofrênica, a variedade de pessoas e sonhos, cedendo espaço às contradições e recusando, na prática, as trilhas construídas pela lógica do domínio capitalista. Sem nome próprio (além do múltiplo Blissett), sem possibilidade de rastreamento, cerceamento das liberdades individuais. Os indivíduos somem sob a máscara midiática de Luther Blissett, ao mesmo tempo em que conquistam campos para avançar: no comportamento, na alimentação, na literatura viva, entre outros recortes da existência. Os milhares de Blissett agem como se realizassem a intuição de Piotr Kropotkin, quando este anota que

além de nossa própria vida, vivemos um pouco da vida dos outros e da humanidade. Em verdade, nossa vida é um pouco o reflexo daquela: não comemos, não passeamos, não abrimos os olhos à luz, não os cerramos para dormir sem ter as provas inumeráveis de nossa íntima ligação com uma multidão de nossos semelhantes que trabalham conosco e para nós, com os quais cruzamos a cada instante e que podemos considerar, de alguma forma, como parte de nós mesmos, como membros de nossa existência. (Kropotkin 2007:50)

Luther Blissett é a humanidade, semelhante a si mesmo na mesma medida em que é em tudo estranho a si mesmo. E é na sombra de um mito irrefreável, na torrente de “sensibilidades antiautoritárias atuantes” reunidas na imagem mágica de Luther Blissett, que se inicia um movimento simultaneamente nos mares da internet e nos campos do real (e mesmo complicando estas fronteiras, debochando de seus limites ontológicos). O golem surrealista Luther Blissett sabe na superfície espalhada de seus muitos poros que é preciso cortar as rotas de alimentação do capital, trazendo a indisciplina, a multidão, o desejo e o sonho para as táticas de movimentação no palco espetacular da vida ordinária, televisual, de hiperconsumo, info-entretenimento e catástrofe ecológica, entre outras peripécias da vida contemporânea. Blissett registra que “com a identidade perdida, o ataque pode chegar de qualquer lado, inesperado. Tudo passa a ser Imprevisível. Portanto, perigoso para os que devem vigiar e punir.” (Blissett 2001:81).

Diante do ritmo e modo de vida imposto aos indivíduos pelas sociedades capitalistas, Blissett aposta na recuperação do maravilhoso e do surpreendente, acumulando forças de resistência à lógica que conduz o rebanho para a máquina de moer carne. Blissett traz para seus escritos e seus gestos comportamentais a noção básica de que não basta mover-se oculta e rapidamente num território distante das instâncias de poder. Ao contrário, é preciso ser célere e anônimo, ao mesmo tempo em que não se asfixia na clandestinidade:

(...) o rebelde que entra na clandestinidade, protótipo mítico de Luther Blissett, corre o grave risco de tornar-se funcional para a lógica

paranóica do poder. O bosque, de fato, nunca está próximo dos muros do castelo. Para separá-los há pastos e campos, estradas e rios. O bosque é distante, separado do burgo, exatamente como o inimigo quer que seja. Não devemos nos iludir: entrar na clandestinidade não é suficiente. O poderoso sempre vai procurar delimitar e circunscrever a base estratégica dos inimigos, para tornar sua estratégia menos eficaz e insidiosa. (Blissett 2001:43-44)

É ciente da capacidade de apreensão, resignificação e aniquilamento operado pelas indústrias do poder e do espetáculo contemporâneo que Blissett se cerca de uma variedade de táticas de guerrilha psíquica, um acervo composto por sua permanente capacidade de infiltração, surpresa, improviso, simultaneidade e fragmentação num embate decidido e divertido contra as disciplinas heterodeterminadas, controladas, planejadas pela ordem social hegemônica do capitalismo tardio. Sobre a questão da disciplina, aponta Nedd Ludd que

Uma sala de aula só “funciona” porque os corpos dos alunos, isto é, os alunos, estão disciplinados a se disporem de uma determinada maneira. E assim é em todos os espaço-tempos na sociedade, de um teatro, passando por um exército, um show de rock ou a locomoção pelas ruas. A indisciplina do corpo em um determinado espaço-tempo, ordenado sob uma disciplina específica, pode levar o sujeito muitas vezes à prisão ou ao hospício. O “delito” e a “loucura” são algumas das criações que a nossa sociedade reservou para os corpos indisciplinados. Manifestantes que transformam seus corpos em catapultas, que atiram pedras em barreiras num espaço que exige outra disciplina (ou *uma* disciplina), quebrando a rotina e a tranquilidade dos que dirigem e comandam a economia e a política, demonstram (pelo menos em certo período e espaço) a ausência daquilo que mantém as coisas em ordem e o capitalismo em vigor: a disciplina. (Ludd 2002:14)

E ainda esclarece:

As ruas não são o local determinado no capitalismo para corpos atirarem pedras e nem serem barricadas, e não são o local para enfrentamentos econômicos e políticos: as mesas de “negociações” e o parlamento são os espaços na nossa sociedade para isso. O sinal dado aos homens no poder por esta auto-organizada indisciplina em massa, a “agitação das massas”, é de que as pessoas começam a não se posicionar mais nos lugares estabelecidos e a não se comportar mais do modo necessário para a continuidade do sistema, por motivo de um desejo, aspiração ou reivindicação. O sinal dado pela indisciplina em massa, que enfrenta o delito e a loucura (a marginalidade), assusta e pressiona muito mais os que estão no poder do que outras formas de manifestação, por ser já um rompimento com a disciplina do sistema, antecipando a imagem de um rompimento total. (Ludd 2002:14)

Luther Blissett é uma multidão de corpos e mentes indisciplinadas, sabedoras das maquinarias do espetáculo, leitores e praticantes de situações (e situações abertas, como o nome múltiplo indica). E para sua estratégia de locomoção não interessa satisfazer-se em ocupar o espaço virtual, o cenário alternativo, as ondas da contra-informação, da clandestinidade. Luther Blissett está nas ruas, perambulando no teatro contemporâneo em tempo real, acompanhado por milhões de câmeras de vigilância que não apreendem, entretanto, seu verdadeiro rosto, que é sua máscara, sua presença mítica

que desafia à lógica e o bom senso. Não há tempo a perder com Identidades Únicas Impostas, nem com a maratona multicolorida de quinilhões de extermínio e produção de sucata. Não há razão para confinar o avatar Luther Blissett num domínio do campo das ideias, num vetor de teorizações e confortáveis recusas de gabinete ao estado atual das coisas. Blissett é uma “virada pop”, uma teoria bêbada e groucho-marxista que ganha corpo no mundo em múltiplos veículos (*médiuns*) do mito:

Luther Blissett confia em uma filosofia prática, mas desdenha e boicota o estudo da lógica como o feito nas universidades ou em outras instituições autoritárias. O Projeto Luther Blissett deve ser experimentado na rua e implica a criação contínua de estilos de vida libertários, não abstrações teóricas vendidas como “crítica radical”. O capitalismo domina as coisas e as pessoas, nomeando-as e descrevendo-as: “Você é um Eu”. “Não, eu não quero mais ser um Eu, quero ser infinitos Eus!”. O nome coletivo destrói os mecanismos de controle da lógica burguesa. Sem possibilidade de classificação, o poder não pode impor identidades pré-cozidas e pré-digeridas, nem colocá-las umas contra as outras. Pavlov morre com seus sininhos de merda. (Blissett 2001:124)

Blissett observa e recebe as visões das engrenagens, maquinarias (mas também as sinapses nervosas, as transmissões mentais) que movem a sociedade capitalista. E, embora mais aparentado aos desertores da Internacional Situacionista, explicita pontos de contato com a leitura da sociedade do espetáculo, como registrou Guy Debord:

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. As imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida. A realidade considerada *parcialmente* apresenta-se em sua própria unidade geral como um pseudomundo *à parte*, objeto de mera contemplação. A especialização das imagens do mundo se realiza no mundo da imagem autonomizada, no qual o mentiroso mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo. (Debord 1997:13)

O nome Luther Blissett foi retirado de um jogador homônimo de origem jamaicana, que jogou no futebol inglês pelo modesto Watford e foi depois contratado pelo clube italiano Milan. Mas esta pode ser talvez apenas mais uma peça, mais um chiste pra desviar atenção da grande mídia, embaralhar os caminhos da origem ou apenas uma divertida e despreziosa piada posta em circulação por algum Luther Blissett. Para compreendermos um pouco mais a figura de Blissett, lancemos mão de mais um trecho:

Por que centenas, milhares de pessoas resolvem adotar o mesmo pseudônimo, compartilhar – não sem oposições – a mesma *reputação*, para assinar/reivindicar ações político-culturais, performances, escritos teóricos ou de ficção e, em geral, “obras do engenho”? Qual é a razão do sucesso do nome “Luther Blissett” tanto na World Wide Web quando no mundo “real”, nas ruas das cidades europeias, na mídia impressa, praticamente em *todo lugar*? (...) Há anos Luther continua deixando deslocados os observadores e pondo em crise todas

as definições que não são diretamente geradas pela praxe de quem escolhe adotar o nome. Entre as muitas características do pensamento e da ação de Blissett, aquela que talvez cause mais perplexidades é a crítica feroz, violenta, do conceito de “Indivíduo”, entendido como primeiro sujeito do direito burguês (“Homem Egoísta”, definiu-o Karl Marx). Em nome de que esse conceito é continuamente escarneado, vilipendiado, curto-circuitado, levado ao paradoxo? (Blissett 2001: 15-16)

A resposta de Blissett aponta tanto para um coletivismo, uma tribo nômade associada intuitivamente, quanto para a apologia da *divisibilidade* do singular, uma espécie de apologia ao sentimento esquizofrênico, com rastros notáveis de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Blissett é, simultaneamente, o sumiço e a emergência de uma miríade de sujeitos, desaparecimento da individualidade em torno de uma máscara de luta comum, irrupção de um dispositivo, uma estratégia de luta contra os aparatos de vigilância e punição, uma tática ninja contra os aparelhos ideológicos e materiais do estado e as redes de interesse e força do capital. Blissett é o malabarista das bolas ninjas de fumaça, apostando numa revolução cotidiana que dê conta do maravilhoso. E as diversas e diversos Luther’s Blissett’s envolvidos neste projeto de entrelaçamento da revolução coletiva com a rebeldia individual, de interesse a todos e todas que se recusam a uma vida diminuída, esmagada e se movimentam por uma vida vigorosa, fértil, sem fronteiras entre as demandas do pão e da poesia, sugerem conhecer que

com a economia de consumo absorvendo a economia de produção, a exploração da força de trabalho é englobada pela exploração da criatividade cotidiana. Uma mesma energia arrancada do trabalhador durante suas horas na fábrica ou nas horas de lazer faz rodar as turbinas do poder, que os detentores da velha teoria lubrificam beatamente com a sua contestação formal. Aqueles que falam de revolução e luta de classes sem se referirem explicitamente à vida cotidiana, sem compreenderem o que há de subversivo no amor e de positivo na recusa das coações, esses têm na boca um cadáver. (Vaneigem 2002:31)

E Luther Blissett, quase desnecessário dizer, não zela pela contestação formal, daí a energia criativa desencadeada por uma torrente de sujeitos irmanados no mito do “Grande Timoneiro Inexistente” e envolvidos na invenção de novos gestos, tramando uma *mitopoese*:

Nossa opinião imodesta é que não se pode entender o “comunitarismo” de Blissett sem partir do conceito de “mitopoese”, criação de mito. (...) Não foi necessário reunir nenhum comitê central. Simplesmente, *decidiu-se* (essa forma impessoal teve repercussões definitivas, pois deu forma a todas as ações seguintes) usar o potencial da nova mídia e seu impacto iminente sobre aquelas tradicionais, com a finalidade de lançar um novo “produto”, uma mercadoria intangível, imaterial: um *mito de luta* comum a todas as tribos e comunidades de rebeldes. Esse mito deveria inserir-se em um cenário de revoluções memoráveis, definido pelas ecocatástrofes cada vez mais frequentes, pelo fim tumultuoso da ordem mundial bipolar e – *last but...* – pelo aparecimento do assim chamado “trabalho imaterial” pós-fordista e pela ampliação da Rede. (Blissett 2001:16-17)

E ainda:

Mitopoesia: “Construção do mito”. Utilizar as lendas urbanas, as técnicas de *intelligence*, as estratégias publicitárias, mas se desviando de tudo isso com o intento de criar uma reputação, um personagem – no começo “virtual”, depois, cada vez mais *real*. (...) Mitopoesia, dizíamos: saquear e readaptar um patrimônio bastante antigo de mitos e arquétipos comuns a todas as sociedades humanas, em seguida recomposto na arte e na cultura de massa. Encontrar umas figuras tópicas, remontando ao cinema, aos quadrinhos e à literatura serial, para depois produzir suas sínteses, baseadas no máximo denominador comum: uma “reputação” entendida como obra aberta, “remanipulável” constantemente, baseada no maior número possível de “retoques” e intervenções subjetivas. (Blissett 2001:17)

E é com a máscara do mito Luther Blissett que várias pessoas passarão a operar diversos pequenos golpes contra o sistema estabelecido de mídia, consumo, economia de mercado e afins. É possível reconhecer no espectro de táticas e engenhos de Luther Blissett incorporações da deriva, da psicogeografia e do *détournement* (desvio) situacionista, a selvageria e o cinismo dada, articulações e rizomas de *fluxus* e arte postal, ação direta *punk*, etc. Este caldeirão de referências de vanguarda e mobilizações sociais ganha um rosto que simultaneamente forja unidade e fragmentação, agrupa ataques de corações e mentes aos modos de reprodução das ideologias dominantes, ao mesmo tempo que dispersa numa rede complexa, autônoma e anônima uma série de pequenos “cavalos de Tróia”, grãos de areia nas engrenagens da ordem mundial do dia. Retomemos a ação “horrorista”, na primavera/verão de 1994, em Bolonha:

(...) um grande número de cartas de cidadãos, indignados pelo achado de entranhas de animais em lugares públicos, chega aos jornais locais de Bolonha. Ônibus, parques públicos, estacionamentos parecem ser o lugar privilegiado dos misteriosos semeadores de miúdos. (...) Algumas semanas depois, enquanto as cartas e as sinalizações continuam sem parar, no happening dos jovens de Comunhão e Liberação, dentro dos Jardins Margarida, são encontrados um cérebro de bezerro e um coração suíno, pendurados em um anzol, com um cartaz misterioso trazendo a escrita: “Novosibirsk está queimando!”. E assim nasce o fenômeno que os jornalistas batizam de “Horrorismo”. Páginas e páginas de crônicas locais são preenchidas por pareceres de notórios docentes de história da arte, sociólogos, psicólogos, e outros virtuosos. Somente no final do verão a reconstrução completa dos acontecimentos será disponibilizada por um tal de Luther Blissett. O horrorismo não existe, os únicos atos horroristas foram os dois acima descritos. As cartas publicadas nos jornais, que relatavam os achados das entranhas na cidade eram todas falsas, escritas pelos próprios horroristas. Prova geral de sistema: o que você pode fazer com alguns selos e um pulinho no açougue. (Blissett 2001:28-29)

Nesta ação é possível identificar as nuances de deboche que embriagam as atividades culturais de Luther Blissett e aprender um elemento fundamental, um dispositivo chave para a aproximação das manifestações e intervenções de Blissett no torvelinho das circunstâncias do espetáculo: a guerrilha-midiática e arte da comunicação-guerrilha. Mais do que se configurar como uma alternativa ou uma contraposição às Grandes Mídias das Corporações Multinacionais, Blissett procura preencher os espaços e fluxos das próprias corporações, adotando as estratégias indicadas na *Arte da Guerra*, de Sun Tzu, sobre os cheios e os vazios, ocupando os ambientes da própria máquina do sistema, a corroendo por dentro, operando a partir de

seus mecanismos, postos a funcionar numa desregulamentação e num modo imprevisto. Luther Blissett não nutre falsas perspectivas a respeito dos sujeitos que compõem e informam o estado das fileiras da ordem instituída, nem se erige como um portador de novas verdades; Blissett cuida, enfim, de não cuspir para cima nem caducar e se transformar num troço para si mesmo:

A guerrilha midiática não quer revelar a “verdade mais verdadeira” que os grandes *mass media* escondem de nós: a condição preliminar para essa prática de guerra é o abandono da recriminação e de toda a teoria do Grande Irmão, vale dizer, aquela que vê os agentes que gerenciam os meios de comunicação de massa como espertos e eficientes “desinformantes do regime”. (...) A guerrilha midiática não serve nem para demonstrar a natureza mentirosa da mídia. Todos sabem que ela mente, é senso comum, aliás, é “papo de ônibus”. (...) A guerrilha midiática é (...) o abandono da recriminação e a adoção de um retrovírus, uma prática *lúdica* que exorciza, enquanto tal, a desinformação praticada pelos *mass media*, redimensionando, *aos nossos olhos*, seu poder. (...) A guerrilha midiática não é somente uma maneira de se apropriar novamente da informação, no sentido de roubar espaço ao sistema midiático “oficial”, ou de demonstrar a deformação das notícias por ele exercida. Ela é a realização de um jogo de artimanhas recíprocas, uma forma de envolvimento da mídia em um trauma impossível de se captar e de se entender, uma trama que provoca a queda da mídia, vítima de sua própria prática. Arte macial pura: utilizar a força (e a estupidez) do inimigo, voltando-a contra ele. (Blissett 2001:27-28)

Vejamos outras operações e sabotagens de Luther Blissett e aproveitemos para captar as nuances que orientam esta literatura experimental (vida e literatura compondo um sistema de retroalimentação) na(s) vida(s) do jogador de futebol mais onipresente e debochado da história do esporte. Passemos e passeemos com os olhos sobre as histórias que envolvem os golpes que podemos resumir grosseiramente como o desaparecimento do ilusionista Harry Kipper, a vida, a obra e a morte do artista sérvio Darko Maver e a compilação esquizofrênica e desvairada de textos para o livro *net.generation*, editado pela empresa italiana Mondadori.

Começemos por Kipper. Numa articulação espalhada entre Bolonha, Údine e Londres, Luther Blissett disperso em todos os pontos, envia informes sobre o desaparecimento do artista inglês Harry Kipper à redação do programa de televisão *Quem o Viu?*. A equipe do programa se deslocou entre estas cidades, ouviu os amigos de Kipper, visitou os lugares frequentados pelo artista, conheceu sua casa, suas obras. Tudo iria bem para o programa, perseguindo audiência e resolvendo mais um caso de desaparecimento, não fosse um lance:

(...) Harry Kipper nunca existiu, tudo era falso, tratava-se de uma “fraude” atuada entre Bolonha, Údine e Londres por um grupo transnacional de pessoas unidas pelo uso da mesma sigla: Luther Blissett. O mesmo que, poucos dias depois, reivindicará a peça, desvelando seus bastidores aos jornais nacionais. (Blissett 2001:30)

Este jogo de sombras, estas surpresas e reviravoltas acompanham não apenas as narrativas de Blissett, como se imiscui em suas práticas, deixando seus gestos prenhes de novidades, astúcias. Os casos Darko Maver e *net.generation* são ainda mais emblemáticos no esquema de divertidas trapaças de Luther Blissett. A máquina de

ilusões Darko Maver foi um “cavalo de Tróia” contra o sistema de arte mundial. Em parceria com o grupo 0100101110101101.org, Luther Blissett criou e disseminou a figura tresloucada de Darko Maver, artista sérvio polêmico conhecido por suas obras violentas (fetos humanos, mãos decepadas, cenas de crime, etc.) envoltas numa estética hiper-realista.

E quando dizemos que os grupos 0100101110101101.org e Luther Blissett criaram e disseminaram a figura de Darko Maver não usamos uma imagem, mero pretexto argumentativo. Maver (sua biografia, suas obras e textos críticos sobre elas, etc.) foi uma bola de neve infiltrada no campo das artes visuais. Com a ação Darko Maver, o suposto artista sérvio, Luther Blissett conseguiu enganar o sistema de arte mundial e expor seus mecanismos de julgamento e mérito (como fez Duchamp, com o “Urinol”). A aparição de Maver, sua prisão e morte culminaram com retrospectivas, homenagens póstumas e análises acuradas, tendo inclusive recebido destaque na 48ª Bienal de Veneza. Darko Maver se tornou um símbolo de resistência envolto em brumas, até que surge o relato dos bastidores da peça, que desmonta as engrenagens. Com o título de “A grande fraude da arte – você já teve a sensação de estar sendo enganado?”, Luther Blissett e o grupo 0100101110101101.org trazem a público as etapas de construção, disseminação e assimilação de Maver no circuito de arte mundial:

Eu declaro ter inventado a vida e os trabalhos artísticos do artista sérvio Darko Maver, nascido em Krupanj em 1962 e morto na penitenciária de Potgorica em 30 de abril de 1999. (...) Darko Maver foi um artista politicamente incorreto, suas performances eram indigestas; ainda assim ele estava pronto para ser absorvido no sistema da arte. Seu trabalho, uma vez propriamente homogeneizado e privado de sua força expressiva, estava pronto para passar através do caminho canônico que liga galerias, exposições, o mercado da arte e finalmente leva à paz eterna do museu, ápice de um processo anestésico, de desarmamento e esterilização, um processo que a arte sempre sofreu. O museu é um templo transparente onde a arte é celebrada, falsificada e degradada, tal como a prisão degrada a vida tornando-a irreconhecível. E o teorema, uma vez mais, se prova exato: um artista (uma identidade), um estilo, os trabalhos... e o sistema está pronto para absorver tudo e transformar a vida em bens de consumo. (...) tudo isso não vai acontecer a Darko Maver. Por que Darko Maver não existe! Por que seus trabalhos não existem! Darko Maver, nome real de um conhecido criminologista esloveno, é uma criatura da mídia. Estudado em detalhes para penetrar a resistência do sistema da arte, um novo cavalo de Tróia, Darko Maver não falhou. No momento de sua reciclagem - destino inevitável de qualquer pensamento/ação, mesmo a mais extrema e radical, sob o capitalismo - quando suas mãos já estavam atadas, ele desapareceu, revelando todo o seu potencial.¹

Neste documento de seis páginas são deslindadas as artimanhas para a criação do personagem e suas obras, o processo de prisão, a identificação das fontes das imagens das obras (retiradas de sítios de internet com material de cenas de assassinato, etc.), exposições e críticas, a morte e, finalmente, o mito. Com um sorriso cínico e debochado no rosto, os grupos podem indicar as fragilidades do sistema artístico mundial. A literatura envolvida (resenhas, críticas de arte, releases, o documento em que os grupos assumem a autoria do “atentado” Darko Maver, etc.) e as ações desencadeadas apontam a estratégia de Luther Blissett de sabotar o capital se divertindo.

E não foi diferente com o golpe na editora italiana Mondadori e a edição do livro *net.generation*:

Em 1996, a editora Mondadori lança um livro assinado por Luther Blissett, intitulado *net.generation*. O organizador, um tal de Giuseppe Genna, explica na introdução como conseguiu contatar o Múltiplo e receber o material com que construiu o livro: foi por via telemática, recebendo instruções enquanto a obra era elaborada. No mesmo dia em que o volume é distribuído nas livrarias, nas páginas de *La Repubblica* e de *Il Manifesto*, Luther Blissett reivindica uma das maiores peças de sua carreira: o grande golpe na editora Mondadori. (...) Giuseppe Genna estava circulando há um tempinho nos meandros da rede, frequentando grupos de discussão, visitando sites, etc., em busca de Blissett. (...) Blissett resolve usá-lo como cavalo de Tróia para pregar uma peça na editora. (...) começa a enviar-lhe um péssimo material recuperado por aí. Documentos tirados da rede e plagiados até ficarem irreconhecíveis, textos escritos por adolescentes totalmente bêbados, redações escolares sobre as novas tecnologias, falsas entrevistas, e assim por diante. Genna, envaidecido, apresenta o livro à Mondadori, que o publica (...). O livro já sai “queimado”, e venderá mais por ser um golpe exemplar do que por ser um texto de Blissett. (Blissett 2001:31-32)

3. Considerações ao redor da guerrilha psíquica: notas finais

Luther Blissett é o empenho pela sabotagem, por uma revolução divertida, por novos arranjos sociais que não se imobilizem no trauma das grandes narrativas. Ao contrário, dilui-se, infiltra-se pelas brechas do poder, jogando com as regras e instrumentos estabelecidos pelo atual estado de coisas, cuidando para que o jogo possa ser esgarçado aqui e ali, distorcido, corroído, desviado, deturpado, etc. Ao invés de uma guerra contra o sistema, fácil de localizar e erradicar, uma guerrilha psíquica, máquina fantasma se movendo por milhares de corações e mentes lúcidas e lúdicas. Pois Blissett não desconhece que o radar do poder é atuante e alerta e os sujeitos encontram-se sob constante vigilância. Como aponta o situacionista Raoul Vaneigem:

O que é o indivíduo para um sistema autoritário? Um ponto devidamente situado na sua perspectiva. Um ponto que ele certamente reconhece, mas reconhece somente por meio da matemática, em um diagrama no qual os elementos, colocados em abscissas e ordenadas, lhe atribuem o lugar exato. (Vaneigem 2002:98)

Blissett não está no lugar exato, Blissett não está no lugar errado. Blissett está aqui e ali, quase onipresente, sem interesse por grandes teorias e conspirações, tomadas de poder e movimentações na arena política partidária. Blissett se move nas ruas, numa literatura ágil que engloba os relatos e reivindicações de suas peças, como também amplia o campo de recusas fundamentais dos modos de vida do capitalismo contemporâneo e suas teias de tédio. Luther Blissett é um furacão improvisado por muitos sopros e não podemos garantir (nem foi nossa pretensão), no estreito espaço deste ensaio, esgotar as possibilidades de leituras e atualizações de suas ações e escritos. Resta-nos afirmar que a literatura da guerrilha psíquica é uma literatura feita com sangue, não apenas para ser lida, mas reinventada nas apropriações e deambulações de cada um e de todos e todas na existência. Luther Blissett é um grito, uma canção, um poema, uma multidão de alegres formigas construindo os territórios do presente debaixo

das barbas do poder. Este ensaio pode ser inclusive mais uma peça do famigerado Blissett, desta vez transfigurado na figura de um pacato e desconhecido ensaísta. Por fim, ouçamos, uma vez mais, a voz de trovão do maior goleador do futebol de todos os tempos:

Subiremos uma nova ponte de corda, cavalgaremos um novo abismo e encontraremos novas situações, novas correntes de afeto, novos medos!!! [3 vezes Aleluia!] É esse movimento que Luther Blissett chama amor, irmãos e irmãs. É sobre aquela ponte, arqueada rumo ao possível, que AMAMOS. Não nos “refugiamos” no amor, não nos “consolamos” com o amor, encontra-se o amor quando o tempo vacila desde suas fundações, e mais uma vez, sentimos o eco do grito de nascimento abrir seu caminho das brumas! (...) Somente derrotando o medo do medo nos aproximamos do amor; nada mais fácil do que apavorar aqueles convencidos de que sua identidade deve ser “defendida” e que não se deve aventurar sobre a ponte, mas sim, eleger como “Pátria” e patrulhar a última extremidade de terra antes da perambeira. Os novos donos de escravos sabem disso, e é por isso que dão tanta importância à identidade: para impedir que os escravos fujam, desafiando o abismo, nascendo para uma vida nova, com os sentidos maravilhosamente despertos, todavia inebriados de felicidade e de potência! (...) Nossa capacidade de amar depende de como andamos pela ponte, não ao alcance da meta; em nós ama-se o fato de sermos transição e pôr do sol. (Blissett 2001:216)

Referências Bibliográficas

- BLISSETT, Luther. *Guerrilha Psíquica*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o estado e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.
- KROPOTKIN, Piotr. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.
- LUDD, Nedd. *Urgência das ruas – Black Block, Reclaim the streets e os dias de ação global*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.
- VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

Nota

1 – 0100101110101101.ORG e LUTHER BLISSETT. 2000. *A GRANDE FRAUDE DA ARTE - Você já teve a sensação de estar sendo enrolado?* Disponível em:

<http://pt.scribd.com/doc/46875547/Artefato-Rizoma-net>

Acesso em 27/07/2012